

**PERSPECTIVAS DO SEMINÁRIO 23
DE LACAN. O SINTHOMA.**

CAMPO FREUDIANO NO BRASIL

Coleção dirigida por Jacques-Alain e Judith Miller
Assessoria brasileira: Angelina Harari

Jacques-Alain Miller

**PERSPECTIVAS DO SEMINÁRIO 23
DE LACAN. O SINTHOMA.**

Revisão

Teresinha Prado



ZAHAR
Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação, <i>Angelina Harari</i>	7
---	---



1. Primeira lição	9
2. Segunda lição	23
3. Terceira lição	37
4. Quarta lição	56
5. Quinta lição	75
6. Sexta lição	98
7. Sétima lição	106
8. Oitava lição	119
9. Nona lição	134
10. Décima lição	149
11. Décima primeira lição	168
12. Décima segunda lição	185

Apresentação

Angelina Harari

Percurso de Lacan, Lacan Elucidado e Perspectivas do Seminário 5 de Lacan são os outros títulos de Jacques-Alain Miller na editora Zahar. Jacques-Alain Miller gasta tempo em companhia do texto de Lacan, como ele mesmo o diz neste livro, para em seguida interpretá-lo “a vocês”. Seus ouvintes, em primeira instância, lotam o anfiteatro semanalmente, para concorrer ao curso que ele ministra no marco do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8, do qual é diretor.

O intérprete do texto de Lacan esmera-se no derradeiro ensino, esmiuçando a leitura do texto para elucidá-lo, esboçar-lhe o percurso, abrindo-nos, assim, novas perspectivas. Para além dos ouvintes, a transmissão de Jacques-Alain Miller alcança seus leitores, que têm acesso ao curso em diversas publicações.

Perspectivas do Seminário 23 de Lacan é uma iniciativa que pretende publicar um extrato desse mencionado curso, intitulado *Orientação Lacaniana*, em que o autor se debruça sobre o comentário de um dos livros do *Seminário* de Jacques Lacan. Desta feita, são 12 aulas do curso no ano letivo de 2006-07.

De maneira magistral, ele resgata no texto de Lacan a expressão “inconsciente real”, formulada uma única vez, extraída do artigo “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” em *Outros escritos* para nos mostrar outra perspectiva do inconsciente. Tal expressão, no entanto, não se fixou no ensino de Lacan por conta

de sua tese radical de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Isto quer dizer que procedemos à leitura das formações do inconsciente considerando a estrutura de linguagem. O diálogo de Lacan com a linguística e com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss foi fundamental para essa tese lacaniana.

Alguns anos depois, iniciou-se o diálogo com a topologia e a lógica matemática, alicerces para a formulação do inconsciente real. Pode-se dizer, no entanto, que esse diálogo não exclui a referência à linguagem. Para Miller, o período da tese do inconsciente como real coincide com o uso que Lacan faz da literatura joyceana (*Seminário 23*), que nada tem a ver com o inconsciente produtor de sentido. Ambas as abordagens do inconsciente são cumulativas, ou seja, co-presentes, obedecendo à estrutura de superposição: uma não engloba a outra.

São diversas e preciosas as escansões ao longo desta elucidação do *Seminário, livro 23: o sinthoma*, que o leitor terá a oportunidade de verificar por si mesmo. Boa leitura.

1



PRIMEIRA LIÇÃO

O inconsciente real

O traumatismo Freud

Dizência (disance) lacaniana*

A perspectiva que lhes trago hoje tem seu ponto de partida *a posteriori*.** Inopinadamente, o que não quer dizer de modo inoportuno, ainda que isto os tenha importunado, eu me vi marcando, no ano passado, por três vezes e de maneira não dissimulada, a distância que eu tomava, ou melhor, que se tomava, entre este *eu (je)* que lhes fala e a *dizência* lacaniana.¹

distância & *dizência*

Eu disse *dizência*. Esta não é uma palavra que eu tenha forjado, mas sim um termo introduzido por Damourette e Édouard Pichon em seu *Essai de grammaire de la langue française*,² do qual

* A palavra “dizência”, sozinha, não existe em português. A fim de mantermos uma proximidade homofônica com o termo *disance*, optamos por decompor e substantivar o termo “dizência”, que entra na composição de alguns vocábulos referentes ao dizer ou à maneira de dizer. (N.T.)

** J.A. Miller alude aqui ao fato de não ter dado aula, por três vezes, nos meses de novembro e dezembro de 2005. No entanto, ele foi ao encontro marcado na sala Paul Painlevé, no CNAM, explicando então que preferia calar-se, não queria contornar “essa falha”, essa “dificuldade de falar lacaniano”, preferindo muito mais confrontar-se com ela; não lhe faltava material, mas sim, acrescentou ele, “sua escansão” e o “o ponto de basta” que o tornaria legível. (N.T.)

Lacan o tomou. Aliás, ele teve um relacionamento pessoal com Édouard Pichon, que, além de gramático, era psicanalista e acolheu favoravelmente o jovem Lacan nesse meio, dedicando-lhe um artigo em que deplorava, já naquela época, seu caráter incompreensível.³

A *dizência* é “a língua tal como falada pelas pessoas de um dado ofício”. Quanto aos hábitos profissionais, nossos autores fazem esta sensata observação: “Os termos técnicos que designam atos, ferramentas, produtos de um modo de atividade humana são frequentemente ignorados pela maioria das pessoas.”⁴

Digo *dizência lacaniana* porque essa língua me parece, hoje, ter uma extensão suficiente para que lhe poupemos o nome de *jargão*, mais pejorativo. Um jargão é a língua falada por um desses meios “que recorrem, seja por interesse, fantasia, ou tradições particulares, a certas construções frasais ou a vocábulos incompreensíveis para os não iniciados”.⁵

A distância da *dizência lacaniana* na qual eu me encontrava em certo momento foi suturada no ano passado, uma vez que – vocês são testemunhas – retomei o ramerrame que nos conduziu, até o final do ano, através do *Seminário: De um Outro ao outro*.⁶ Se evoco essa distância da *dizência* em que me encontrava é porque definitivamente ela me é preciosa, e gostaria agora de fixar nela minha posição para este ano.

Na verdade, talvez eu tenha estado desde sempre nessa distância da *dizência*, sem o saber. E talvez este seja o segredo do que chamam de minha clareza – é o que me chega de fora –, que decorreria, em última instância, do fato de eu me esforçar para não me deixar levar pela *dizência* dos psicanalistas. E também porque mantendo-me à distância da *dizência* deixo a Lacan a responsabilidade sobre seu dizer, o traço singular de seu dizer, que é sempre amortecido na *dizência*.

Reação e resposta

Lacan formulou, assumiu sua singularidade de maneira evidentemente enigmática quando disse, em seu *Seminário: O sintoma*:

“É na medida em que Freud fez verdadeiramente uma descoberta – supondo-se que essa descoberta seja verdadeira – que podemos dizer que o real”, a categoria do real da qual trata o *Seminário*, “é minha resposta sintomática.”⁷ A descoberta suposta verdadeira, no caso, é a do inconsciente. Lacan diz também: “Digamos que é na medida em que Freud articulou o inconsciente que eu reajo a isso.”⁸ O real seria assim uma reação de Um, de Um só, à articulação freudiana do inconsciente.

As duas palavras são ditas: reação e resposta. A resposta é, sem dúvida, de ordem mais complexa que a reação. Mas talvez este seja o termo menos significativo pelo fato de que Lacan ali está, supõe estar, em um traumatismo.

Como entendê-lo? Da seguinte maneira, é simples: a descoberta de Freud faz furo no discurso universal. Pelo menos, esta foi a perspectiva adotada por Lacan, de saída, no que concerne a Freud. E o que convencionalmente chamamos de *o ensino de Lacan* constitui, em seu conjunto, uma resposta a esse furo.

Sob modos variados, Lacan demonstra incessantemente que essa descoberta não tem lugar em nenhum outro discurso que a precedeu. Foi esse furo no discurso universal – perspectiva desde o início adotada por Lacan em relação a Freud – que o impulsionou à elaboração múltipla do discurso analítico, suplementar, a fim de abrigar a descoberta de Freud.

Lacan falou do *acontecimento Freud*, assinalando com esse termo o corte introduzido por ele, o que dele pôde se expandir. Eu, porém, diria de bom grado: *traumatismo Freud*.

Pois o *acontecimento Freud* – Lacan retorna a ele muitas vezes, a cada uma de suas viradas e reviradas – foi, desde o início, desconhecido, tamponado, a ponto de Lacan poder dizer que a famosa peste, na verdade, se revelara “anódina. Ali aonde ele [Freud] supunha levá-la”, os Estados Unidos, “o público se arranhou com ela”.⁹

O que nos resta como *ensino de Lacan* é o que provém de alguém que não “se arranhou com ela”. A ambição desse ensino, presente entre nós, é a de repercutir o *traumatismo Freud*. Nesta

perspectiva, o que de fato podemos apanhar nas malhas de uma dialética são as repercussões de um traumatismo.

Lacan disse isso acerca do enunciado do real sob a forma de uma escrita, a dos nós: o enunciado do real sob essa forma “tem o valor de um trauma”. Ele o tempera ou explica falando do “forçamento de uma nova escrita”.¹⁰

Inconsciente transferencial

Inconsciente // interpretação

Aqui está o que dá aos nossos sensatos estudos um dramatismo no qual não os pretendo instalar. Prefiro instalá-los na dificuldade, visando, tanto quanto me seja possível – em relação a mim, claro –, balizar o que não passou para a *dizência*.

Para instalá-los, para nos instalar na dificuldade, tomarei o último texto, bem curto, dos *Outros escritos*.¹¹ Lacan o escreveu imediatamente depois de *O sinthoma* – ele é datado de 17 de maio de 1976, ao passo que o *Seminário do Sinthoma* foi concluído em 11 de maio –, e merece ser lido de perto. Como vocês não têm esse texto diante dos olhos, vou apresentá-lo cuidadosamente, e abrevio quando necessário. Vejam como ressoa a primeira frase desse texto, feita de modo a ir direto ao cerne da questão: “Quando ... o espaço de um lapso já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente.”¹²

Isso pode nos parecer conhecido, pois o valor dos sem-sentido foi desde sempre enfatizado e posto em função por Lacan. Todavia, o que essa frase surpreendente comporta, se a observamos de perto, é a disjunção entre o inconsciente e a interpretação, uma exclusão entre essas duas funções. Refiro-me ao inconsciente como função porque nesse mesmo texto Lacan fala da “função inconsciente”.¹³

Isso é próprio para fazer vacilar o que acreditamos saber sobre a articulação do inconsciente, visto tratar-se exatamente do avesso, por exemplo, da tese desenvolvida no *Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*, segundo a qual “o desejo inconsciente é sua interpretação”.